

A PALATALIZAÇÃO DAS OCLUSIVAS DENTAIS EM SÃO BORJA

Lisiane Buchholz Pires¹

lbpires@yahoo.com.br

RESUMO: O presente estudo realiza uma análise da variação das oclusivas dentais seguidas de *i* na comunidade de São Borja (Rio Grande do Sul), a partir da amostra da fala de 24 informantes do Projeto VARSUL (Variação Lingüística Urbana na Região Sul). Analisam-se os dados segundo os parâmetros da Sociolingüística Quantitativa Laboviana. O estudo mostra que a palatalização das oclusivas dentais é uma regra variável, sujeita a condicionamentos lingüístico e extralingüístico. Os resultados indicam que a palatalização é conduzida pelas mulheres, pelos falantes mais jovens pelos sujeitos com maior grau de instrução.

PALAVRAS-CHAVE: Regra variável; palatalização; faixa etária.

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo trata da palatalização de /t/ e /d/ na comunidade de São Borja, área fronteira do Rio Grande do Sul, a fim de verificar a influência de fatores lingüísticos e extralingüísticos na implementação das oclusivas dentais. Para tanto, utilizam-se vinte e quatro informantes do banco de dados do Projeto VARSUL.

2. A PALATALIZAÇÃO NO BRASIL

Relativamente à palatalização das oclusivas dentais /t/ e /d/, Câmara Jr. (1976, p.56) diz que estas consoantes no português do Brasil, sob influência da vogal [i] ou do glide [y], tornam-se palatalizadas como resultado de um processo assimilatório. Este fenômeno lingüístico é encontrado em uma área considerável do Brasil. Porquanto, tais consoantes podem apresentar alofonia posicional, quando precedem a vogal alta [i].

¹ Mestre em Letras – Lingüística Aplicada/PUCRS. Professora da Escola Superior de Administração, Direito e Economia (ESADE).

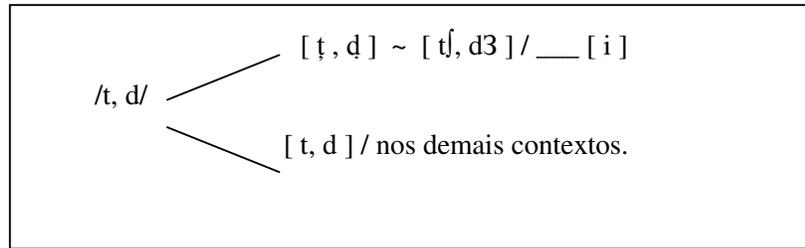


Figura 1: Representação da alofonia posicional das consoantes oclusivas dentais /t/ e /d/ quando seguidas pela vogal alta [i].

No presente estudo optou-se por não fazer diferença entre as duas formas de palatalização existentes (oclusiva palatalizada e africada). Assim, qualquer grau de palatalização é considerado aplicação da regra.

Na seção a seguir, são apresentadas as variáveis consideradas nesta pesquisa e as hipóteses que embasaram a escolha dessas variáveis.

3. DEFINIÇÃO DAS VARIÁVEIS

Apresentamos a seguir as variáveis e os respectivos fatores que as constituem, tendo em vista o objeto deste estudo – a palatalização das oclusivas dentais seguidas de *i* – e a metodologia utilizada – baseada no modelo variacionista laboviano.

3.1 VARIÁVEL DEPENDENTE

Nesta análise, a variável dependente é a *palatalização*, que envolve a configuração do corpo da língua alto do tipo [i], representado na análise do traço [coronal] da vogal que provoca a mudança do traço [+anterior] da consoante para [-anterior].

A palatalização é resultado de processo assimilatório em que as consoantes oclusivas dentais do português /t/ e /d/, sob a influência da vogal [i] ou do glide [y], palatalizam-se. Essas oclusivas dentais, quando palatalizadas, tornam-se africadas. Porém, muitas vezes, não se cria uma africada, mas uma oclusiva palatalizada.

Conforme dito anteriormente, nesta pesquisa, não se faz distinção entre um e outro grau de palatalização, mas somente entre as oclusivas dentais (consoantes simples) *versus* as africadas e as oclusivas palatalizadas (denominadas de consoantes

complexas). Assim, qualquer grau de palatalização é considerado como aplicação da regra.

3.2 VARIÁVEIS INDEPENDENTES

Dizem respeito a um conjunto de fatores que podem vir a ter papel no processo.

3.2.1 VARIÁVEIS LINGÜÍSTICAS

Foram selecionados os seguintes fatores especificados com base na Teoria da Variação.

3.2.1.1 CONTEXTO PRECEDENTE

Embora a palatalização seja provocada pela vogal seguinte, é possível que um segmento com articulação alta, precedendo a oclusiva que sofre a palatalização, possa desempenhar algum papel na aplicação da regra.

Desta forma, na variável contexto precedente, foram considerados os seguintes contextos:

- a) fricativa alveolar /s, z/: (neste, desde);
- b) lateral /l/: (altivo);
- c) vogal frontal /e, e, i/: (dedico, política);
- d) vogal posterior /a, o, ɔ, u/: (atividades, pudim);
- e) vogal nasal: (diante);
- f) vibrante /r/: (norte);
- g) vazio: (Ødigo).

3.2.1.2 CONTEXTO SEGUINTE

Por contexto seguinte, denomina-se o segmento imediatamente seguinte à vogal *i* (gatilho do processo). Esta variável foi escolhida a fim de verificarmos as influências que por acaso a sua presença venha a exercer na consoante vizinha. A variável contexto fonológico seguinte compreende os seguintes fatores:

- a) fricativa alveolar /s, z/: (dizer, disse);
- b) lateral /l/: (infantil);
- c) vogal /a, e, ε, i, o, ɔ, u/: (diário);
- d) vibrante /r/: (tirar);
- e) vazio: (entendeØ);
- f) palatal /j, ʒ, ɲ, λ /: (lagartixa, tigela, dinheiro, redondilha);
- g) dental /t, d, n/: (acredito, sentido, continua);
- h) labial /b, f, m, p, v/: (vestibular, difícil, ultimamente, tipo, tiver);
- i) velar /k, g/: (reumática, antiga).

3.2.1.3 NASALIDADE DA VOGAL ALTA

Com esta variável, verifica-se se a nasalização pode estar sujeita à vogal /i/, quando seguida de consoante nasal na mesma sílaba (Câmara, 1991, p. 174) e se desempenha algum papel no processo de palatalização:

- a) vogal não-nasal: (tia);
- b) vogal nasal: (tinta).

3.2.1.4 SONORIDADE

As consoantes /t/ e /d/ foram controladas, independentemente da posição em que ocorrem, a fim de se verificar se a palatalização é influenciada pela sonoridade destas.

- a) surda: (noite);
- b) sonora: (vontade).

3.2.1.5 TONICIDADE DA SÍLABA

Em geral, as sílabas tônicas possuem um comportamento diferente das sílabas átonas em processos ou regras.

Considerando que a posição na sílaba possa influenciar na utilização ou não da regra de palatalização, foram observadas as seguintes posições:

- a) pretônica inicial: (dizer);
- b) pretônica não-inicial: (particular);

- c) tônica: (tinha);
- d) postônica não-final: (reumática);
- e) postônica final: (cidade).

3.2.1.6 TIPO DE VOGAL ALTA

Busca-se, através desta variável, saber se a palatalização distingue uma vogal das outras.

- a) derivada (da vogal média): (entende);
- b) não-derivada: (tinhamos).

3.2.2 VARIÁVEIS EXTRALINGÜÍSTICAS

Sob a hipótese de que a classe social tem importância no comportamento lingüístico de cada sujeito, os informantes foram selecionados com base em três critérios: idade, escolaridade e gênero.

3.2.2.1 IDADE

De acordo com Hora (1990, p.87), a idade é importante categoria para a interação e a organização social. Entre outras coisas, a idade está associada à estrutura dos papéis na família e nos grupos sociais e está relacionada ao “status” e à autoridade. Visto que grande parte da interação social consiste em comunicação verbal, é bastante provável que a idade como categoria social tenha reflexo no comportamento lingüístico.

Neste trabalho, seguindo os parâmetros do projeto VARSUL, foram consideradas duas faixas etárias, constituídas por doze informantes com menos de cinquenta anos e por doze informantes com mais de cinquenta anos, já que as mudanças lingüísticas se processam de maneira gradual em várias dimensões.

3.2.2.2 ESCOLARIDADE

A importância dessa variável reside na crença de que há na sociedade uma estratificação social dos grupos baseada no grau de instrução de seus membros.

Segundo Votre (1992, p.77), o esforço concentrado da escola verifica-se no culto e nas estratégias de domínio da língua escrita. Parte apreciável das atividades pedagógicas consiste precisamente em ler e escrever, e quase nenhuma ênfase é dada às atividades de ouvir. A fala representa um discurso próximo do espontâneo e não-planejado, enquanto a escrita escolar é sempre objeto de cuidado planejamento.

Assim, podemos inferir que a escolaridade exerce pressão na manutenção das formas de prestígio da língua, especialmente através do ensino da língua escrita.

Os informantes do projeto VARSUL estão agrupados em três níveis de escolaridade: primário (em torno de 4 anos de escolaridade); ginásio (em torno de 8 anos de escolaridade) e secundário (por volta de 11 anos de escolaridade).

Na presente análise, organizou-se apenas dois grupos: doze informantes com nível fundamental (em torno de 8 anos de escolaridade) e doze informantes com nível médio (em torno de 11 anos de escolaridade).

3.2.2.3 SEXO

De acordo com Paiva (1992, p.69), o interesse maior da Sociolinguística se volta principalmente para a influência do fator sexo sobre fenômenos de variação estável e de mudança linguística. A análise da dimensão social da variação e da mudança não pode ignorar que o sexo do falante possa estar correlacionado à maior ou menor probabilidade de uma variante linguística.

Este estudo apresenta a variável sexo dividida da seguinte maneira: doze informantes do sexo masculino e doze informantes do sexo feminino.

4. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

4.1 TRATAMENTO ESTATÍSTICO DOS DADOS

Após a digitação dos dados, procedemos à análise quantitativa de acordo com os programas do pacote computacional VARBRUL 2S.

Na seção seguinte, apresentaremos a seleção das variáveis realizada pelo programa bem como os procedimentos estatísticos adotados.

4.1.1 SELEÇÃO DAS VARIÁVEIS

A análise progressiva step-up realizada pelo programa VARB2000 selecionou como estatisticamente relevantes as seguintes variáveis:

1. Tipo de Vogal Alta;
2. Sexo;
3. Idade;
4. Tonicidade da Sílabas;
5. Escolaridade;
6. Contexto Seguinte;
7. Sonoridade da Oclusiva.

As variáveis Contexto Precedente e Nasalidade da Vogal Alta foram selecionadas pela análise regressiva step-down por se apresentarem como estatisticamente não relevantes.

O exame dos níveis que compõem a rodada mostra que a convergência não é atingida antes da vigésima primeira iteração, já no nível dois, quando ocorre a combinação entre as variáveis Tonicidade e Tipo de Vogal Alta. A não-convergência passa a ser constante em todas as conjunções da análise step-up a partir do nível cinco, pois a variável Tonicidade é selecionada como estatisticamente relevante no nível quatro e, conseqüentemente, passa a se combinar com todas as outras variáveis nos demais níveis.

Acreditamos que tal comportamento seja resultado de uma distribuição pouco ortogonal entre as variáveis Tonicidade e Tipo de Vogal Alta, conforme apresenta a Tabela 1 seguinte. Isto é, em algumas células formadas pelo cruzamento das duas variáveis há um número muito reduzido de dados quando comparadas a outras células.

	Tonicidade					
Tipo de Vogal Alta	Pretônica inicial	Pretônica não-inicial	Tônica	Postônica não-final	Postônica final	Total
Vogal Não-derivada	882	448	2050	173	123	3676
Vogal derivada	144	29	57	5	3294	3529
Total	1026	477	2107	178	3417	7205

Tabela 1: Distribuição do total de ocorrências entre as variáveis Tonicidade e Tipo de Vogal Alta

Nas células formadas por postônica não-final e vogal derivada e pretônica não-inicial e vogal derivada observa-se, respectivamente, a presença de 0,07% (5 ocorrências) e 0,4% (29 ocorrências) do total de dados da amostra (7205 ocorrências). Por outro lado, as células formadas por postônica final e vogal derivada e tônica e vogal não-derivada apresentam, respectivamente, 46% (3294 ocorrências) e 28% (2050 ocorrências) do total de dados da amostra.

A fim de diminuir o efeito da pouca ortogonalidade entre as variáveis em questão, decidimos, na variável tonicidade, amalgamar as pretônicas inicial e não-inicial em apenas um fator – pretônicas –, e as postônicas não-final e final em postônicas. Realizamos, então, uma segunda rodada e observamos que a convergência passou a ser atingida na décima nona iteração. Os pesos relativos que servirão de base para a análise que apresentaremos na seção 4.2 foram retirados dessa segunda rodada. A seleção das variáveis manteve-se a mesma da rodada anterior; apenas alguns pesos relativos foram alterados.

Na seção 4.2 a seguir realizaremos a apresentação e a análise dos resultados obtidos nesta rodada.

4.2 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Nesta seção, apresentaremos e analisaremos os resultados obtidos na pesquisa. A apresentação dos resultados da análise estatística será realizada da seguinte forma: primeiramente, apresentaremos as variáveis lingüísticas selecionadas; logo após, as variáveis extralingüísticas. Conforme apresentado na seção 4.1.1, a ordem das variáveis

selecionadas foi a seguinte: Tipo de Vogal Alta, Sexo, Idade, Tonicidade da Sílabas, Escolaridade, Contexto Seguinte e Sonoridade da Oclusiva. Salientamos, ainda, que as variáveis Contexto Precedente e Nasalidade da Vogal Alta foram consideradas estatisticamente não significativas pelo programa.

4.2.1 VARIÁVEIS LINGÜÍSTICAS

Passaremos a apresentar as variáveis lingüísticas escolhidas como relevantes e na ordem de seleção pelo programa: Tipo de Vogal Alta, Tonicidade da Sílabas, Contexto Seguinte e Sonoridade da Oclusiva.

4.2.1.1 TIPO DE VOGAL ALTA

O contexto fonológico tipo de vogal alta, de acordo com os resultados probabilísticos, foi selecionado como a variável mais significativa quanto à aplicação da regra de palatalização, como mostra a Tabela 2:

Fatores	Aplic./Total	%	Peso Relativo
Não-derivada (tipo)	2502/3676	68%	0,72
Derivada (gente)	766/ 3529	22%	0,27
Total	3268/7205	45%	

Input:0,44

Significância: 0,000

Tabela 2: Tipo de vogal alta

Conforme a Tabela 2, a vogal não-derivada é a que possui índice mais favorecedor à aplicação da regra (0,72), enquanto a derivada mostra-se como inibidora da palatalização (0,27). Resultado semelhante é mostrado em Kamianecy (2002, p. 82), no qual a vogal não-derivada aparece como mais significativa para a palatalização (0,64) do que a vogal derivada (0,35). Em Almeida (2000, p. 90) observamos o contrário, pois a vogal derivada apresentou-se mais favorecedora da palatalização (0,71) do que a vogal não-derivada (0,48).

Bisol (1986, p.171) confronta a palatalização e a elevação vocálica, duas regras relacionadas. Segundo a autora, são os metropolitanos, moradores de Porto Alegre, que mais praticam as duas regras. Os fronteiriços mostram uso diversificado: praticam muito

a palatalização, mas acentuadamente pouco a elevação vocálica. Estas duas regras mantêm entre si uma relação alimentadora – a regra interfere aditivamente, aumentando o número de itens em que a subsequente opera – desde que tenha prioridade de aplicação a elevação vocálica.

Conforme referido pela autora supracitada, o dialeto fronteiro, que se caracteriza pela preservação da vogal média e pelo uso da palatalização, tem essa como regra natural e a elevação como regra em aquisição.

4.2.1.2 TONICIDADE DA SÍLABA

Conforme mencionamos na seção 4.1, a não-convergência entre Tipo de Vogal Alta e Tonicidade da Sílabas levou-nos a amalgamar as pretônicas (não-inicial e inicial), denominando-as de pretônicas, e as postônicas (não-final e final), chamando-as de postônicas. Os resultados são apresentados na Tabela 3:

Fatores	Aplic./Total	%	Peso Relativo
Pretônica (difícil)	1019/1503	68%	0,63
Tônica (acredito)	1359/2107	64%	0,50
Postônica (médico)	890/3595	25%	0,44
Total	3268/7205	45%	

Input: 0,44

Significância: 0,000

Tabela 3: Tonicidade da Sílabas (com amalgamação)

Pelo que verificamos na Tabela 3, a posição tônica revelou-se neutra (0,50) e a posição postônica aparece como pouco favorável à palatalização (0,44).

Desse modo, a palatalização foi mais freqüente em sílabas pretônicas (0,63), o que contrariou nossa expectativa, pois acreditávamos que a palatalização aplicar-se-ia, principalmente, em posições fortes. Comportamento semelhante aparece em Bisol (1991, p.117), Almeida (2000, p. 82) e Kamianeky (2002, p. 84).

Considerando o critério da saliência fônica (Naro 1981, p.63), uma inovação menos proeminente teria maior possibilidade de sucesso ou expansão do que uma inovação mais proeminente. Isso significa que a regra inovadora prefere as posições de menor destaque na estrutura silábica, diminuindo, assim, o efeito externo da crítica a um comportamento lingüístico não usual ou estranho. Segundo Bisol (1991, p. 117), isto facilitaria a expansão da regra e sua consequente generalização.

Os resultados mostrados na Tabela 3 trazem evidências para o fato de que a palatalização, sendo uma forma inovadora na comunidade, apresenta expansão gradual via sílaba pretônica, menos perceptível que a tônica.

4.2.1.3 CONTEXTO SEGUINTE

Relativamente à variável Contexto Seguinte, apresentamos os resultados na Tabela 4.

Fatores	Aplic./Total	%	Peso Relativo
Vibrante (atirado)	190/272	70%	0,51
Palatal (tinha)	467/709	66%	0,51
Lateral (predileto)	32/62	52%	0,61
Velar (antigo)	324/656	49%	0,57
Labial (diferença)	566/1215	47%	0,50
Fricativa alveolar (disparou)	514/1088	47%	0,47
Vogal (dia)	725/1691	43%	0,54
Dental (constitucionalista)	395/1255	31%	0,44
Vazio (barbaridade∅)	55/257	21%	0,48
Total	3268/7205	45%	

Input: 0,44

Significância: 0,000

Tabela 4: Contexto Seguinte (sem amalgamação)

A partir dos resultados probabilísticos, constatamos que o contexto lateral é o mais favorecedor (0,61), sendo seguido pelo contexto velar (0,57). Os contextos fonológicos – vogal (0,54), vibrante (0,51), palatal (0,51), labial (0,50), vazio (0,48) e fricativa alveolar (0,47) – mantiveram-se próximos ao ponto de referência (0,50), não desempenhando, portanto, papel significativo na aplicação da regra de palatalização. Por outro lado, como mais forte inibidor tivemos a consoante dental (0,44).

Em pesquisas anteriores – Hora (1990, p.127), Bisol (1991, p.109-110), Almeida (2000, p.85) e Abaurre e Pagotto (2002, p.584-585) – a sibilante coronal (ou fricativa alveolar) apresentou-se como fator bloqueador do processo de palatalização. Em nosso trabalho, a fricativa alveolar apresentou o segundo peso relativo mais baixo.

Devido à proximidade entre valores dos pesos relativos, reunimos em único fator as consoantes labial (0,49), fricativa alveolar (0,47) e dental (0,44), denominando-as

consoantes [+anterior]. Pelo mesmo motivo, reunimos os fatores palatal (0,52) e velar (0,54) em consoantes [-anterior]. A pertinência estatística destes amalgamentos foi apreciada pelo teste de qui-quadrado. Os fatores vibrante (0,53) e lateral (0,62) foram também amalgamados, devido ao número reduzido de ocorrências total do fator lateral (62 ocorrências), recebendo o nome de líquidas. Desta amalgamação, temos os resultados expressos na Tabela 5.

Fatores	Aplic./Total	%	Peso Relativo
Líquida(atirado, predileto)	222/334	66%	0,53
Consoante [-anterior] (tinha, antigo)	791/1365	58%	0,54
Vogal (dia)	725/1691	43%	0,54
Consoante [+anterior] (diferença,disparou, constitucionalista)	1475/3558	41%	0,47
Vazio (barbaridadeØ)	55/257	21%	0,48

Input: 0,44 Significância: 0,043

Tabela 5: Contexto Seguinte (com amalgamação)

De acordo com a Tabela 5, constatamos que houve uma melhor correspondência entre as frequências observadas e as obtidas, e que as consoantes [-anterior] e a vogal obtiveram o maior peso relativo (0,54), passando a ser os contextos mais favorecedores à regra. Em relação ao primeiro fator, formado pela amalgamação de palatal e velar, há um certo sentido para o favorecimento, já que as consoantes palatais têm o traço de coronalidade e a palatalização diz respeito ao espriamento da coronalda vogal. Considerando o fator vogal, na pesquisa de Hora (1990, p.126), o contexto vocálico foi, também, um dos mais favoráveis à palatalização. As consoantes [+anterior] obtiveram o menor peso relativo (0,47), sendo seguidas pelo vazio (0,48). As líquidas tiveram peso relativo de 0,53, próximo ao das consoantes [-anterior] e vogal (0,54).

4.2.1.4 SONORIDADE DA OCLUSIVA

Na Tabela 6, temos os resultados da análise da sonoridade da oclusiva.

Fatores	Aplic./Total	%	Peso Relativo
Surda (realmente)	1773/4138	43%	0,53
Sonora (pode)	1495/3067	49%	0,46
Total	3268/7205	45%	

Input: 0,44

Significância: 0,000

Tabela 6: Sonoridade da oclusiva

Observamos, na Tabela 6, que a consoante surda tende a favorecer a aplicação da palatalização (0,53), enquanto a consoante sonora funciona como bloqueadora do processo. Nota-se que não há uma correlação direta entre as frequências observadas e as obtidas, ou seja, enquanto a maior porcentagem corresponde ao fator sonora (49%), o maior peso relativo corresponde ao fator surda (0,53). Procuramos detectar em que momento na análise realizada pelo programa VARB2000 houve essa inversão no condicionamento dos fatores e constatamos que ocorre justamente no nível dois, quando Sonoridade da Oclusiva combina-se com Tipo de Vogal Alta. O Quadro 1 a seguir apresenta a modificação dos pesos dos fatores da variável Sonoridade da Oclusiva do nível um para o nível dois.

Fator	Nível 1	Nível 2
Sonora	0,53	0,47
Surda	0,47	0,52

Quadro 1: Modificação dos pesos dos fatores da variável Sonoridade da Oclusiva do nível 1 para o nível 2

A fim de investigar as causas dessa não correspondência entre frequências, realizamos um cruzamento com a ajuda do programa CROSS3000 do pacote VARBRUL entre as variáveis Sonoridade da Oclusiva e Tipo de Vogal Alta, conforme mostra a Tabela 7, a seguir:

	Sonoridade da Oclusiva		
Tipo de Vogal Alta	Sonora	Surda	Total
Vogal não-derivada	1931	1745	3676
Vogal derivada	1136	2393	3529
Total	3067	4138	7205

Tabela 7: Cruzamento entre as variáveis Sonoridade da Oclusiva e Tipo de Vogal Alta

Observamos que, enquanto a análise dos totais e parciais de aplicação de palatalização para os fatores da variável Tipo de Vogal Alta indica que as vogais não-derivadas favorecem mais o fenômeno, independentemente da sonoridade da consoante, para os fatores da variável Sonoridade nota-se que as consoantes surdas são claramente favorecedoras quando seguidas por vogal não-derivada (71%), pois, quando seguidas por vogal derivada, as porcentagens de favorecimento são baixas e praticamente idênticas (em torno de 22%).

Tal correlação entre consoantes surdas e sonoras foi apontada em Hora (1990, p.138), Almeida (2000, p.89), Pagotto (2001, p.313) e Abaurre e Pagotto (2002, p.573), em que a consoante surda revelou-se como mais propícia à palatalização do que a consoante sonora.

De acordo com Abaurre e Pagotto (2002, p.574), é possível pensar que a entrada da palatalização no sistema se dê por meio da consoante surda, estendendo-se depois para as consoantes sonoras, até que o sistema como um todo esteja palatalizado.

4.2.2 VARIÁVEIS EXTRALINGÜÍSTICAS

Após apresentarmos e analisarmos as variáveis lingüísticas, passaremos às variáveis extralingüísticas. A ordem de seleção realizada pelo VARB2000 é a seguinte: sexo, idade e escolaridade.

consonantal, no inglês de Nova York, e os resultados indicaram as mulheres como inovadoras, no sentido de fazer uso da forma de prestígio.

Os resultados da variável sexo apresentados neste estudo confirmam os de outras pesquisas realizadas no Brasil. Isso acontece, segundo Mallmam (2001, p.71), entre outros, porque as mulheres, em geral, são mais sensíveis às formas de prestígio do que os homens, inclusive de prestígio lingüístico.

Apesar de a maioria das pesquisas apontarem que as mulheres estão à frente em situação de mudança lingüística, existem alguns trabalhos que revelam terem os homens avançado mais. Um deles, o estudo de Martha's Vineyard, realizado por Labov (1972a), mostra que a centralização dos ditongos (ay) e (aw) foi conduzido primeiramente pelos falantes masculinos. Trudgill (*apud* Labov, 1972a, p.303) observou em Norwich que as mulheres são mais influenciadas pelas formas-padrão, pois são os homens que lideram o uso de formas vernaculares na fala casual.

Isso mostra que a mudança não está ligada de forma clara às diferenças de sexo. As diferenças entre homens e mulheres podem ocorrer devido à classe social a que pertencem, sendo maiores na classe baixa. A interação entre sexo e idade também é importante, pois as diferenças tendem a diminuir nas faixas etárias mais jovens e a aumentar nas faixas etárias mais velhas. A interação entre sexo e profissão estar relacionado ao uso da forma de maior prestígio pelo homem que trabalha fora e forma de menor prestígio à mulher que se concentra nas atividades domésticas. No entanto, o número de casos em que as mulheres estão à frente é bem maior do que o dos homens.

4.2.2.2 IDADE

Segundo Romaine (1994, p.80), os estudos sociolingüísticos vêm ressaltando que a variável idade tem sido um fator significativo no mecanismo de mudança lingüística, uma vez que a distribuição etária parece ser uma chave para a compreensão da mudança em andamento em uma comunidade.

Relativamente à idade, os resultados aparecem na Tabela 9:

Fatores	Aplic./Total	%	Peso Relativo
- 50 anos	1861/3651	51%	0,58
+ 50 anos	1407/3554	40%	0,42
Total	3268/7205	45%	

Input: 0,44

Significância: 0,000

Tabela 9: Idade

Ratificando a nossa hipótese inicial, os informantes com idade inferior a 50 anos são os que mais aplicam a regra de palatalização (0,58), enquanto os informantes mais velhos demonstram serem mais preservadores das oclusivas dentais (0,42).

Em outras pesquisas realizadas sobre a palatalização no Brasil e citadas anteriormente (BISOL, 1991; HORA, 1990; ALMEIDA, 2000; PAGOTTO, 2001; KAMIANECKY, 2002), essa tendência também se confirma.

Para Labov (1981, p.177), a forma de se estar convicto de uma mudança consiste em estudar um fenômeno em uma determinada época e voltar a ele no futuro, reestudando o mesmo fenômeno. Muitas variações, rotuladas por mudanças lingüísticas, provavelmente não estão em progresso, mas podem ser estáveis por séculos.

De acordo com Naro (in Mollica, 1992, p.81), as línguas passam por um processo de mudança em longo prazo, de maneira gradual em várias dimensões. Primeiro, nos eixos sociais, nos quais os falantes mais velhos costumam preservar as formas antigas, o que pode acontecer com as pessoas mais escolarizadas, ou das camadas da população que gozam de maior prestígio social, ou ainda de grupos sociais que sofrem pressão social normalizadora, etc. Segundo, nos eixos da própria estrutura lingüística que não são tão diferentes: num dado momento do processo de mudança, certos itens lexicais ou determinadas estruturas podem ser mais propensos a mudar. A mudança lingüística não é mecânica e regular em curto prazo, quando costumam coexistir formas de diversos estágios de evolução, mas ocorre em longo prazo, através dos séculos e das gerações.

Conforme Labov (1966), os falantes mais velhos da localidade geralmente são mais conservadores em relação à mudança ou à estabilidade de um fenômeno lingüístico. Os mais jovens, geralmente, sensíveis a inovações, utilizam mais as formas novas, principalmente quando estão sendo observados.

Segundo Paiva *et al.* (2003, p.14), o comportamento lingüístico de cada geração reflete um estágio da língua, com os grupos etários mais jovens introduzindo novas

alternantes que, gradativamente, substituirão aquelas que caracterizam o desempenho lingüístico dos falantes de faixas etárias mais elevadas.

Na comunidade que analisamos, os resultados indicam que a palatalização é uma regra variável que tende a expandir-se por meio da geração mais jovem.

4.2.2.3 ESCOLARIDADE

A análise dos resultados da Tabela 10 indica associação entre maior escolarização e a palatalização das oclusivas dentais.

Fatores	Aplic./Total	%	Peso Relativo
Médio	1604/3196	50%	0,55
Fundamental	1664/4009	42%	0,46
Total	3268/7205	45%	

Input: 0,44 Significância: 0,000

Tabela 10: Escolaridade

Na comunidade em estudo, a divisão da variável escolaridade em dois grupos separou os falantes em relação ao uso das variantes (formas não-palatalizadas e formas palatalizadas) também em dois grupos: aqueles com menos escolaridade (ensino fundamental) mantiveram a preservação das oclusivas dentais (0,46), enquanto aqueles que possuem mais escolaridade (ensino médio) aplicaram mais a variante inovadora na comunidade (0,55).

A respeito das funções sociais da educação, o sociólogo Ely Chinoy comenta:

As escolas, mais do que qualquer outro organismo, estão adrede organizadas para familiarizar as crianças com sua herança cultural. (...) Transmitindo de uma geração a outra crenças firmadas, conhecimentos, valores e habilidades, concorre para a continuidade e a persistência de uma vida social organizada. (...) Com poucas exceções, a maioria das pessoas aprende a ler, escrever e calcular na escola. (...). À sociedade como um todo, proporciona a preservação e a transmissão da cultura (1991, p.541).

Para Votre (1992, p.75-79), a escolaridade deve ser analisada sob quatro aspectos. O primeiro deles diz respeito à distinção entre forma de prestígio e forma neutra. O segundo, às formas estigmatizadas e não-estigmatizadas. Os fenômenos que são (ou não) objeto de ensino sistemático correspondem ao terceiro aspecto. Como quarto, as diferenças do nível discursivo e da gramática.

A escola dá prioridade para o ensino da forma de prestígio, através da escrita reproduzida nas gramáticas e materiais didáticos. Isso ocorre porque, segundo Votre (*op. cit.*), é desconhecida pela maioria dos professores o “caráter natural e irreversível da regularização” das formas. Os professores reagem de modo negativo quando se deparam com o uso de formas estigmatizadas e variáveis. Para eles, essas formas são alvos de críticas ou desprezo, pois as gramáticas as apontam como problemáticas. A escola ainda não dá atenção aos fenômenos variáveis, não dispensa tratamento relevante às distinções entre nível discursivo e descritivo/prescritivo, entretanto é responsável por uma parcela relevante da tarefa socializadora que o uso de uma língua nacional, de prestígio, requer.

4.3 TOTAL DE APLICAÇÃO DA REGRA

Ao finalizar a presente seção, apresentamos a Tabela 11 que expõe o total de aplicação da regra na amostra analisada.

	Aplic./Total	%
Não-aplicação	3937/7205	55%
Aplicação	3268/7205	45%

Tabela 11: Total de aplicação da regra

Com base nos resultados da análise estatística, que contou com 7 205 dados (3 937 não-aplicações e 3 268 aplicações da palatalização), percebemos que a regra de palatalização das oclusivas dentais encontra-se em fase de expansão na comunidade, o que pode ser ilustrado pelo percentual de 45% de ocorrências de aplicação da forma palatalizada e 55% de preservação das oclusivas dentais.

Os sujeitos desta amostra apresentam um desempenho intermediário, em comparação com os de Porto Alegre (94% de aplicação) e Florianópolis (8% de aplicação). Por outro lado, os nossos resultados estão próximos aos obtidos em Flores da Cunha (47% de aplicação).

A partir da discussão dos resultados obtidos nesta pesquisa, podemos inferir que a palatalização das oclusivas dentais está em processo de expansão na comunidade de São Borja, devido à influência de fatores sociais e lingüísticos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da pesquisa realizada sobre a variação das oclusivas dentais seguidas de *i* na comunidade de São Borja (Rio Grande do Sul), chegamos às seguintes conclusões que vão abaixo apresentadas.

A variação entre oclusivas dentais e palatalização das mesmas é resultado de uma regra variável, condicionada por fatores sociais e lingüísticos, em fase de expansão na comunidade sob análise.

A seleção estatística referente às variáveis lingüísticas e extralingüísticas, por ordem de relevância no condicionamento foi: a) Tipo de Vogal Alta; b) Sexo; c) Idade; d) Tonicidade da Sílabas; e) Escolaridade; f) Contexto Seguinte; g) Sonoridade da Oclusiva.

A variável *Tipo de Vogal Alta* indicou o fator vogal não-derivada como o mais favorecedor à aplicação da regra. Este resultado apontou para a relação entre as regras de palatalização e de neutralização, mostrando que a neutralização tende a aplicar-se primeiro, funcionando como alimentadora da palatalização.

A variável *Sexo*, a segunda mais relevante, apontou que o fenômeno ocorre predominantemente na fala das mulheres, corroborando as tendências mostradas em um grande número de pesquisas realizadas no Brasil, ou seja, as mulheres parecem conduzir a mudança lingüística em direção à variável inovadora, se esta for considerada de maior prestígio.

Em relação à *Idade*, terceira variável selecionada, os resultados sugerem que a regra parece ser inovação na comunidade, uma vez que é utilizada em maior proporção pelos falantes mais jovens, confirmando nossa hipótese inicial, o que pode estar indicando a existência de uma situação de progresso.

A variável *Tonicidade da Sílabas* mostrou que as posições pretônicas são as que mais favorecem a palatalização, contrariando a nossa expectativa, pois acreditávamos que a palatalização aplicar-se-ia fundamentalmente em posições tônicas.

Considerando a variável *Escolaridade*, os indivíduos com maior grau de instrução foram os que mais palatalizaram, indicando relação entre maior escolaridade e palatalização das oclusivas dentais.

No que diz respeito ao *Contexto Seguinte*, a penúltima variável selecionada pelo programa, o fator consoantes [-anterior], formado pela amalgamação de consoantes

palatal e velar, e o fator vogal demonstraram ser mais favorecedores à aplicação da palatalização.

A última variável selecionada foi a *Sonoridade da Oclusiva*, em que a consoante surda revelou-se mais propícia à palatalização do que a sonora.

Em termos gerais, os resultados da pesquisa parecem sugerir que a palatalização de /t/ e /d/ é uma regra em expansão na comunidade de São Borja. Os sujeitos desta amostra apresentam um desempenho intermediário, se comparados com os de Porto Alegre e Florianópolis. Por outro lado, aproximam-se dos de Flores da Cunha, região de colonização italiana. A aplicação do modelo de Regra Variável de Labov mostrou-se relevante para o estudo do fenômeno em São Borja, já que os resultados desta análise demonstram que a regra sofre influência de fatores extralingüísticos e lingüísticos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ABAURRE, Maria Bernardete; PAGOTTO, Emílio. Palatalização das oclusivas dentais no português do Brasil. In: ABAURRE, Maria Bernardete; RODRIGUES, Ângela C. S.(Orgs.) *Gramática do português falado. Volume VIII:Novos estudos descritivos*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2002.
2. ALMEIDA, Marco Antônio Bomfoco. *A variação das oclusivas dentais na comunidade bilíngüe de Flores da Cunha: uma análise quantitativa*. 2000. Dissertação (Mestrado em Lingüística Aplicada) – Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2000.
3. BISOL, Leda. A palatalização e sua restrição variável. *Estudos*, Salvador, n. 5, p. 163-177, 1986.
4. _____. Palatalization and its variable restriction. *International Journal of Sociology of Language*, New York, n. 89, p. 107-124, 1991.
5. BRESCANCINI, Cláudia Regina. *A fricativa palato-alveolar e sua complexidade: uma regra variável*. 2002.Tese (Doutorado em Lingüística) – Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.
6. CÂMARA Jr., Joaquim Mattoso. *História da lingüística*. [Tradução de Maria do Amparo Barbosa de Azevedo]. Petrópolis: Vozes, 1976.
7. _____. *Princípios de lingüística geral*. 3 ed. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1991.

8. CHINOY, Ely. *Sociedade* Uma introdução à sociologia. [Tradução de Octavio Mendes Cajado]. São Paulo: Cultrix, 1991.
9. FISCHER, J.L *Social influences on the choice of a linguistic variant*. *Word*, 1958,p.14:47-56.
10. HORA, Dermeval da. *A palatalização das oclusivas dentais: variação e representação não-linear*. 1990 Tese (Doutorado em Lingüística Aplicada) – Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
11. JOHNSON, Allan G. *Dicionário de sociologia:guia prático da linguagem sociológica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
12. KAMIANECKY, Fernanda. *A palatalização das oclusivas dentais /t/ e /d/ nas comunidades de Porto Alegre e Florianópolis: uma análise quantitativa*. 2002. Dissertação (Mestrado em Lingüística Aplicada) - Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.
13. LABOV, William. *The social stratification of English in the New York City*. Airlinton: Center for Applied Linguistics, 1966.
14. . *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972a.
15. . The social origins of sound change. In: *Locating language in time and space* .New York: Academic Press, 1981. p. 251-265.
16. MALLMANN, Dácio Otelon. *A elevação das vogais médias átonas finais no português falado em Santo Ângelo (RS)*.2001. Dissertação (Mestrado em Lingüística Aplicada). Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.
17. MOLLICA, M.C. Sociolingüística: conceituação e delimitação. In: *Introdução à sociolingüística variacionista*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1992. p. 13-15. (Cadernos Didáticos UFRJ).
18. NARO, Anthony J. Modelos quantitativos e tratamento estatístico. In: MOLLICA, M. (Org.). *Cadernos didáticos UFRJ: Introdução à sociolingüística variacionista*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1992, p. 17-25.
19. PAGOTTO, Emílio Gozze. *Variação e Identidade*. Tese (Doutorado). Universidade Estadual de Campinas, 2001.
20. PAIVA, Maria da Conceição. Sexo. In: MOLLICA, M. (Org.) *Cadernos didáticos UFRJ: Introdução à sociolingüística variacionista*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1992, p.

69-73.

21. ROMAINE, Suzanne. *Language in society: a introduction to sociolinguistics*. Oxford: Oxford University Press, 2000.
22. VOTRE, Sebastião. Escolaridade. In: MOLLICA, M. (Org.). *Cadernos didáticos UFRJ: Introdução à sociolinguística variacionista*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1992, p. 75-79.

RESUMO: O presente estudo realiza uma análise da variação das oclusivas dentais seguidas de *i* na comunidade de São Borja (Rio Grande do Sul), a partir da amostra da fala de 24 informantes do Projeto VARSUL (Variação Lingüística Urbana na Região Sul). Analisam-se os dados segundo os parâmetros da Sociolinguística Quantitativa Laboviana. O estudo mostra que a palatalização das oclusivas dentais é uma regra variável, sujeita a condicionamentos lingüístico e extralingüístico. Os resultados indicam que a palatalização é conduzida pelas mulheres, pelos falantes mais jovens pelos sujeitos com maior grau de instrução.

PALAVRAS-CHAVE: Regra variável; palatalização; faixa etária.

ABSTRACT: This study deals with the variation of dental stops followed by *I* in the community of São Borja (State of Rio Grande do Sul). The sample covered in this study embraces Brazilian Portuguese spoken by 24 informants of VARSUL Project (Urban Linguistic Variation in the Southern Region). The data are analyzed according to the models of the Labov's Quantitative Sociolinguistics. The study shows that the palatalization of the dental stops is a variable rule subject to conditioning by linguistic and social factors. The results indicate that the palatalization is conducted by women, younger speakers and subjects with higher grade of education.

KEYWORDS: Variable rule; palatalization; age.